

O papel da esteticista na desconstrução do padrão de pele perfeita

The role of the esthetician in deconstructing the perfect skin standard

Izabella Teixeira Carvalho¹
Thais Gomes Oliveira Alencar²
Marcia Freire dos Reis Gorny³
Marcos Roberto Souza Brogna⁴

Resumo: A desconstrução dos padrões de beleza hegemônicos, especialmente o ideal de “pele perfeita”, é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e diversa. Esses padrões, historicamente moldados por ideais eurocêntricos, são amplamente reforçados pela mídia como redes sociais e publicidade que difundem imagens padronizadas e muitas vezes irreais, influenciando a percepção de beleza. Com o avanço das redes sociais e o uso de filtros que promovem imagens idealizadas, os padrões de beleza tornam-se mais rígidos e amplamente difundidos. Isso afeta a autoestima e a saúde mental, especialmente dos jovens, ao impor modelos inalcançáveis. A globalização reforça um ideal eurocêntrico que marginaliza outras formas de beleza, evidenciando também o racismo estrutural presente nesses padrões. Nesse contexto, o profissional da estética assume um papel estratégico ao valorizar a diversidade e promover atendimentos mais éticos e humanizados. As instituições, por sua vez, ainda reproduzem discursos que não refletem a pluralidade social, evidenciando a necessidade de romper com práticas que perpetuam exclusões. Este artigo tem como objetivo investigar como profissionais da estética podem contribuir para a desconstrução do ideal de “pele perfeita”, promovendo uma abordagem mais inclusiva, ética e humanizada nos atendimentos estéticos. A pesquisa buscou compreender as percepções de esteticistas sobre os

¹ Centro Universitário SENAC, izabella.tcarvalho@gmail.com

² Centro Universitário SENAC, tchaves276@gmail.com

³ Centro Universitário SENAC, marcia.frgorny@sp.senac.br

⁴ Centro Universitário SENAC, marcos.sbrogna@sp.senac.br

padrões de beleza impostos pela mídia e indústria cosmética, bem como identificar práticas que valorizem a diversidade de peles e histórias individuais. A metodologia envolveu análise de conteúdo e revisão bibliográfica sobre padrões estéticos, autoestima e práticas profissionais.

Palavras-chave: Padrões de beleza, Beleza, Esteticista, Mídia digital

Abstract: The deconstruction of hegemonic beauty standards, especially the ideal of “perfect skin,” is an essential step toward building a more just, diverse, and inclusive society. These standards, historically shaped by Eurocentric ideals and reinforced by the media and the cosmetic industry, exclude and render invisible the plurality of bodies, skin tones, and experiences. In this context, the esthetics professional plays a strategic and transformative role: by recognizing and valuing diversity, they can promote more ethical, inclusive, and humanized services that respect the uniqueness of each individual. As Cida Bento points out in *The Whiteness Pact*, “organizations construct narratives about themselves without considering the plurality of the population with which they relate,” revealing the urgency to break silent pacts that perpetuate privileges and exclusions. This project aims to investigate how esthetics professionals can contribute to deconstructing the ideal of “perfect skin,” promoting a more inclusive, ethical, and humanized approach to esthetic care. The research will seek to understand estheticians’ perceptions of the beauty standards imposed by the media and cosmetic industry, as well as identify practices that value the diversity of skin types and individual stories. The methodology will involve content analysis and a literature review on aesthetic standards, self-esteem, and professional practices.

Palavras-chave: Beauty standards, Beauty, Esthetician; Social media

1. Introdução.

A busca pela beleza vem se tornando uma conquista almejada pelas gerações atuais, especialmente em grandes centros urbanos. Embora essa preocupação com a aparência não seja nova, ela permanece como uma realidade marcante, muitas vezes sobrepondo valores como competência, caráter e autenticidade. Celebidades e influenciadores são frequentemente exaltados por sua estética, reforçando padrões que nem sempre contemplam a diversidade humana. O chamado padrão de beleza é um conjunto de normas estéticas que

idealiza o corpo perfeito com base em processos culturais específicos, é uma construção social, não natural. Cada cultura define o que considera belo, e esses parâmetros podem qualificar ou desqualificar indivíduos, influenciando diretamente a formação de identidades.

Nesse cenário, o papel do esteticista ganha relevância: mais do que aplicar técnicas, esse profissional pode oferecer acolhimento, escuta e cuidado, promovendo uma estética que respeita a individualidade e valoriza a diversidade. Ao atuar entre a técnica e o humano, a esteticista torna-se agente de transformação, capaz de desconstruir padrões excludentes e contribuir para uma abordagem mais ética e inclusiva da beleza, que reconheça e celebre as múltiplas formas de existir e sentir-se belo.

2. Revisão bibliográfica

2.1 Padrão de Beleza

A beleza é um conceito plural, em constante transformação histórica e cultural. Não se trata de uma definição única ou universal, mas de uma construção simbólica. Como afirma Eco (2004, p. 12), “a beleza nunca é absoluta, mas sim histórica e culturalmente determinada”. Isso significa que aquilo que é considerado belo em determinada sociedade ou época pode não ser valorizado em outra.

É um conceito complexo e multifacetado, que vai muito além da aparência física. Ela pode ser definida como uma característica ou conjunto de qualidades que despertam um sentimento de prazer, admiração ou atração. Filósofos de diversas épocas tentaram desvendar sua essência. Para o filósofo grego Platão, a beleza não era algo que se via, mas sim uma ideia, uma forma ideal e transcendente. Em seu diálogo com Fedro, ele sugere que a beleza é a mais visível e amada das formas, uma espécie de ponte para o mundo das ideias (PLATÃO, 2012).

Para Wolf (1992), a beleza se transformou em uma forma de poder, especialmente no corpo das mulheres, funcionando como uma “moeda social”. Nesse sentido, o padrão de pele perfeita surge como parte desse imaginário coletivo que estabelece quem está mais próximo ou distante do ideal de beleza vigente.

No entanto, a beleza é também uma experiência subjetiva, que varia de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. O que é considerado belo em uma sociedade pode não ser em outra. A

percepção do belo é influenciada por fatores históricos, sociais e culturais. O filósofo Denis Diderot argumentava que "o belo está na relação do que você vê" (Diderot, 1966), enfatizando que a beleza não é uma qualidade intrínseca do objeto, mas sim a forma como ele se relaciona com outros elementos e com a percepção do observador. Além disso, a beleza interior, ligada a qualidades como a bondade, a inteligência e a empatia, é cada vez mais valorizada, mostrando que a beleza é um conceito em constante evolução e que abarca tanto o exterior quanto o interior.

A busca pela beleza vem se tornando algo a ser conquistado pelas gerações atuais, principalmente em grandes cidades. Mas essa preocupação com a boa aparência é algo muito mais antigo, atualmente, isso ainda é uma realidade, ainda que não contemple todo o pensamento humano, muitas vezes as celebridades são valorizadas por serem consideradas belas, independentemente de suas qualidades e competências.

A cada ano que passa, a preocupação com a beleza e boa aparência tem se intensificado entre grande parte da população mundial jovens e adultos o que impulsiona o aumento contínuo da procura por tratamentos estéticos que visam elevar a autoestima e o bem-estar (GLOBAL INSIGHT SERVICES, 2022).

“O corpo, hoje, é um projeto. O sujeito de desempenho é também o seu próprio escultor.” (HAN, 2017, p. 25).

A preocupação do homem com a aparência física é um hábito antigo que resultou na criação de padrões estéticos distintos ao longo da história. O termo estética surgiu na Grécia antiga, a princípio como uma disciplina para estudo de formas de manifestação de beleza natural ou artística, mas desde o princípio a beleza foi associada a potência e saúde. Acredita-se que para os gregos, a boa aparência tenha tanta importância quanto a capacidade intelectual, e, ao observar a história é possível perceber o cultivo e a busca.

Na Modernidade vemos que começa a ficar claro como a Arte contribuiu para despertar sentimentos de admiração, beleza, prazer e perfeição. As maiores transformações nos ideais de beleza, especificamente para a mulher e como o seu corpo é visto e usado, acontecem entre o final do século XVIII e no século XIX, com o nascimento da burguesia capitalista, pois agora a beleza/elegância não é mais algo tão inatingível, sempre evidenciando como a mulher deveria ser delicada, onde são impostas silhuetas extremamente finas, onde podemos ver mais uma vez uma criação de beleza ideal do homem sobre a mulher. (GERMANO, 2020).

Diante desse contexto histórico, é possível compreender como os ideais de beleza foram sendo construídos e transformados ao longo do tempo, refletindo valores sociais, culturais e econômicos de cada período. Nesse sentido, torna-se relevante apresentar, de forma sistematizada, a evolução desses padrões, a fim de facilitar a visualização das principais mudanças e características associadas à beleza em diferentes épocas.

Gerações, Período, Descrição

Geração	Período	Descrição	Referência
Baby Boomers	1946–1964	Crescem no pós guerra, período de prosperidade. Padrões de beleza influenciados pelo cinema e TV, com ícones como Marilyn Monroe e Audrey Hepburn. Publicidade valorizava juventude, pele perfeita e silhueta curvilínea.	LIPOVETSKY (2000); HOBBSAWM (1995)
Geração X	1965–1980	Período de mudanças sociais e tecnológicas. Cultura pop e TV a cabo ampliam padrões de beleza. Anos 80 marcados por estética ousada, punk e rock. Publicidade mistura rebeldia e adaptação aos novos modelos.	BAUMAN (2001); LIPOVETSKY (2000)

Millennials (Geração Y)	1981–1996	Primeira geração digital. Influência da internet e redes sociais moldam moda e beleza. Pluralidade e representatividade ganham espaço. Publicidade digital personalizada surge com força.	TAPSCOTT (2010); KOTLER et al. (2017)
Geração Z	1997–2012	Totalmente imersa no universo virtual. Estética fluida, foco na autenticidade e expressão individual. Marketing digital com forte atuação de influenciadores.	KOTLER et al. (2021); TWENGE (2018)
Geração Alfa	2013 em diante	Cresce em ambiente totalmente tecnológico. IA e experiências digitais moldam consumo. Padrões de beleza em formação, com ênfase na personalização.	McCRINDLE (2014); KOTLER et al. (2021)

Cada cultura tem a sua definição do que é belo, esses parâmetros acabam por qualificar ou desqualificar as pessoas, que constroem identidades diferentes dessas regras.

É notável como os padrões estéticos evoluem com o tempo, variando significativamente entre diferentes culturas e regiões do mundo. Cada sociedade constrói sua própria definição de beleza, influenciada por fatores históricos, sociais e culturais. Entretanto, essa busca incessante é protagonizada por aqueles que têm alta influência e estão no poder, contribuindo para que novos padrões apareçam e a indústria da beleza cresça, ditando novas tendências e fazendo com que mais pessoas procurem técnicas de se encaixar no “normal”.

Como afirma Malysse (2002), “Essas imagens-normas se destinam a todos aqueles que as veem e, por meio de um diálogo incessante entre o que veem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso”. A "supervalorização da beleza" é um fenômeno social complexo, impulsionado

por uma cultura que cada vez mais equipara aparência física a valor pessoal, sucesso e felicidade. Essa busca incessante por um ideal de beleza, muitas vezes inatingível e homogêneo, pode levar a comportamentos extremos e, em alguns casos, perigosos.

A exposição contínua a imagens idealizadas e editadas nas redes sociais muitas vezes promovidas por influenciadores digitais tem sido associada a uma maior insatisfação com o corpo e aparência, o que impulsiona a busca por procedimentos estéticos. (de Oliveira et al.,2025; Mironica et al.2024)

A globalização é um fenômeno diverso que mergulha tanto na economia, política influencia profundamente a cultura e a identidade das sociedades atuais. Ao longo dos anos de globalização, as nações tornaram-se mais permeáveis a ideias e padrões externos, o que facilitou a difusão de ideais de beleza globalizados (JONES, 2011).

O contato intercultural, intensificado pela globalização, promove a troca de ideias e tradições, enriquecendo toda uma sociedade ao expor os indivíduos a visualizarem a diversidade. Esta exposição traz consigo uma maior tolerância e entendimento mútuo entre diferentes grupos sociais e raciais. Um exemplo disso seria a música, cinema e livros permitindo que pessoas ao redor do mundo compartilhem experiências humanas universais, indo além da barreira geográfica.

2.2 A Beleza e Globalização

O conceito de beleza, segundo Teixeira (2001), refere-se a algo agradável e harmonioso, capaz de inspirar admiração. No entanto, a beleza não é absoluta, pois depende da percepção de quem observa, sendo influenciada por fatores como cultura, memória, valores e contexto social.

Os padrões de beleza são construções sociais que variam conforme o tempo e o espaço, estabelecendo normas estéticas que podem qualificar ou desqualificar indivíduos. Cada cultura define o que considera belo, influenciada por aspectos históricos, sociais e culturais. Nesse contexto, grupos com maior poder e influência contribuem para a criação e disseminação desses padrões, impulsionando a indústria da beleza e incentivando a busca por um ideal muitas vezes inalcançável.

A supervalorização da aparência está associada à ideia de que beleza equivale a sucesso e felicidade. Esse fenômeno é intensificado pelas redes sociais, onde imagens editadas e idealizadas geram comparações constantes e insatisfação corporal (TIGGEMANN; ZACCARDO, 2015). Como aponta Malysse (2002), esses modelos reforçam a percepção de inadequação, levando indivíduos a enxergarem seus corpos como defeituosos.

A globalização também exerce forte influência nesse processo, promovendo a circulação de padrões estéticos em escala mundial (GIDDENS, 2002). Ao mesmo tempo em que amplia o contato com diferentes culturas e favorece a valorização da diversidade (APPADURAI, 1996), também pode levar à homogeneização dos ideais de beleza, especialmente pela influência da indústria cultural dominante.

Além disso, a estética vai além da aparência superficial, sendo uma forma de expressão de identidade, pertencimento e resistência. Para grupos historicamente marginalizados, como pessoas negras, periféricas e LGBTQIA+, o cuidado com a aparência representa uma maneira de afirmar sua existência e desafiar padrões opressores.

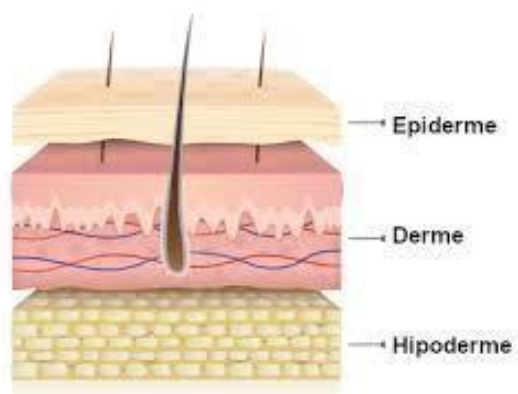
Assim, a estética se configura como um campo que envolve tanto imposições sociais quanto possibilidades de expressão individual e coletiva, refletindo tensões entre padronização e diversidade.

2.3 Pele e sua Pluralidade

Segundo Anzieu (1989), a pele funciona como uma interface entre o indivíduo e o mundo. As diferenças entre etnias não se limitam à cor, mas envolvem aspectos estruturais e fisiológicos e genéticos. Ela é o maior órgão do corpo humano, composta por camadas principais: epiderme, derme e hipoderme. A epiderme, camada mais externa, atua como barreira protetora e é formada principalmente por queratinócitos. Também abriga células como melanócitos, responsáveis pela produção de melanina e proteção contra radiação UV, além de células de defesa e sensoriais. Por não possuir vasos sanguíneos, depende da derme para nutrição (TORTORA; DERRICKSON, 2017)

A organização estrutural da pele, conforme demonstrado na Figura 1, evidencia a sobreposição das camadas epidérmica, dérmica e hipodérmica.

Figura: Camadas da pele humana

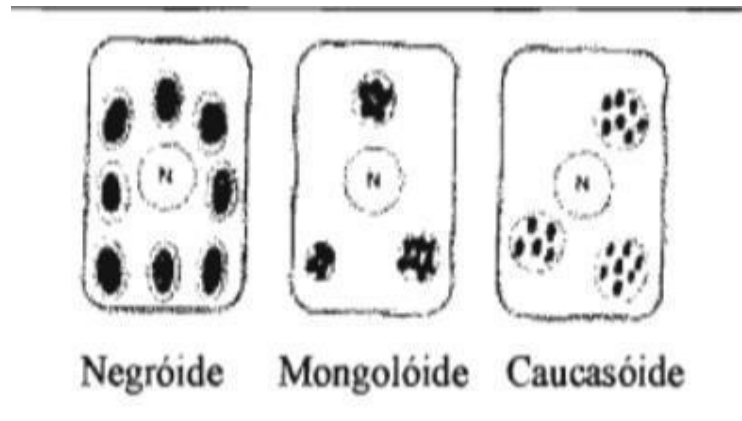


Fonte: Adaptado de Tortora; Derrickson (2017).

Embora a pele humana apresente uma organização anatomofisiológica universal composta pelas camadas epidérmica, dérmica e hipodérmica, sua pluralidade manifesta-se de forma mais evidente na atividade dos melanócitos situados na camada basal. A síntese de melanina, mediada pela enzima tirosinase, não apenas confere fotoproteção, mas define a rica variabilidade cromática que caracteriza a diversidade humana. Essa característica é de extrema relevância para saúde da pele, pois trata-se de uma característica que poderá trazer uma maior ou menor fotoproteção solar, o que atualmente é de extrema relevância para a prevenção do câncer e do envelhecimento, por exemplo. É importante destacar que o número das células que produzem o tom da pele, a partir da proteína melanina não se altera independente da etnia, porém o que se altera é a atividade dessa célula, o melanócito.

Os melanócitos apresentam melanossomas, organelas produtoras de melanina, maiores e preenchidas por melanina em peles negras, já nas peles de fototipo baixo, os melanossomas são menores e não possuem preenchimento total das organelas por melanina.

Figura: Distribuição dos melanossomas nos queratinócitos em diferentes grupos étnicos



Fonte: Adaptado de Robins (1991) apud Ribeiro (2003).

A derme é rica em vasos, nervos, colágeno e elastina, garantindo firmeza, elasticidade e nutrição da pele, além de conter estruturas como folículos pilosos e glândulas (GUYTON; HALL, 2017). Já a hipoderme, composta principalmente por tecido adiposo, atua no isolamento térmico, proteção e reserva energética (JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2013).

Mais do que revestimento, a pele exerce funções essenciais, como proteção contra agentes externos, regulação térmica, sensibilidade, excreção de toxinas e síntese de vitamina D (BOLOGNIA; SCHIFFER; CALLEN, 2018). Também reflete aspectos emocionais e de saúde geral do organismo.

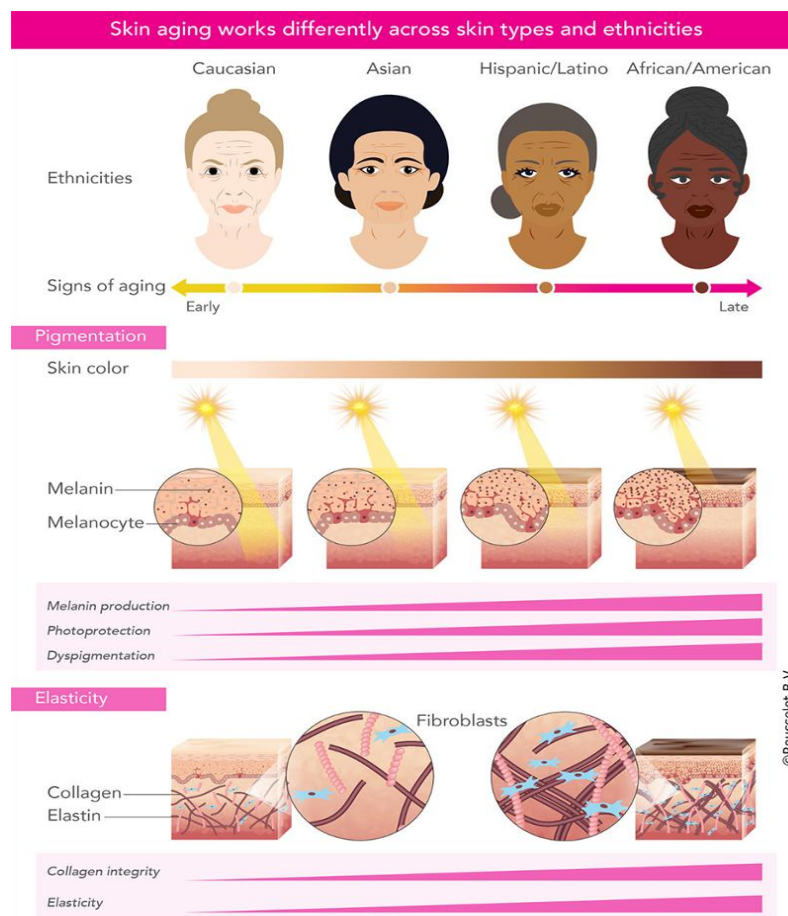
A renovação celular da epiderme ocorre, em média, a cada 28 dias, tornando-se mais lenta com o envelhecimento. A redução de colágeno e elastina contribui para o surgimento de rugas e flacidez. A pigmentação depende da melanina, podendo ocorrer alterações como manchas e melasma. O envelhecimento pode ser intrínseco ou extrínseco, influenciado por fatores como radiação solar, poluição e hábitos de vida (GILCHREST, 2013).

A pele também possui importante função imunológica, atuando como barreira contra microrganismos. No entanto, está sujeita a alterações e patologias, como acne, dermatites, psoríase e câncer de pele. Além disso, condições como estresse, desidratação e má alimentação podem impactar diretamente sua aparência e funcionamento (GUYTON; HALL, 2017).

Segundo Anzieu (1989), a pele funciona como uma interface entre o indivíduo e o mundo. As diferenças entre etnias não se limitam à cor, mas envolvem aspectos estruturais e fisiológicos.

Em peles mais escuras, os melanossomas são maiores e mais ativos, proporcionando maior proteção contra radiação UV e retardando o envelhecimento. Por outro lado, há maior predisposição à hiperpigmentação e formação de queloides, exigindo cuidados específicos em procedimentos estéticos (JOTHISHANKAR; STEIN, 2019).

Figura 1 – Diferenças no envelhecimento cutâneo entre etnias.



Fonte: JP Studio Lab (2024).

A imagem apresenta uma linha do tempo que evidencia que os sinais de envelhecimento surgem mais precocemente na pele caucasiana e de forma progressivamente mais tardia em peles asiáticas, hispânicas/latinas e afrodescendentes.

Na estética, a pele é frequentemente tratada como “cartão de visita”, e características naturais como manchas, acne e rugas são interpretadas como imperfeições. Essa visão desconsidera o envelhecimento como um processo natural e ignora a diversidade cutânea. Historicamente, a

pele clara e uniforme foi estabelecida como padrão ideal, associada a fatores sociais e raciais que reforçaram hierarquias e exclusões.

O conceito de “pele perfeita” — sem marcas ou sinais do tempo — desconsidera a variedade de tons, texturas e características naturais. Essa imposição gera pressão estética, insatisfação corporal e, muitas vezes, a busca por procedimentos excessivos. Como aponta Jenkins (2017), a pele pode ser entendida como um “mapa da vida”, e suas marcas representam experiências e identidade.

Nesse contexto, a estética ultrapassa o campo técnico e assume um papel social, envolvendo autoestima, identidade e pertencimento. Profissionais da área têm a responsabilidade de educar e acolher, valorizando a individualidade e desafiando padrões impostos. A abordagem contemporânea da estética caminha para um ideal mais realista, focado na saúde e no autocuidado, e não na perfeição. Como destaca Hirons (2020), o objetivo não é impedir o envelhecimento, mas cuidar da pele em cada fase da vida.

Os padrões de beleza são construções sociais influenciadas por fatores históricos, culturais e midiáticos. No Ocidente, foram amplamente difundidos pela indústria da moda e da mídia. Segundo Wolf (1991), esses padrões funcionam como mecanismos de controle social, enquanto Sontag (2007) os define como instrumentos de poder que moldam corpos e subjetividades.

Esses ideais criam hierarquias baseadas na aparência, privilegiando quem se encaixa no padrão e marginalizando quem não corresponde a ele. Como consequência, intensifica-se o consumo de produtos e procedimentos estéticos na tentativa de alcançar um ideal muitas vezes inatingível. No entanto, diferentes culturas apresentam distintas concepções de beleza, evidenciando seu caráter relativo e socialmente construído.

Dessa forma, a estética ocupa um espaço ambíguo: pode reforçar padrões excludentes ou atuar como ferramenta de valorização da diversidade e promoção da autoestima. Conforme Souza (2019), trata-se de um campo que vai além da aparência, envolvendo identidade, bem-estar e qualidade de vida.

2.4 Dermorexia: Conceito e Problemática

A *dermorexia* é um termo recente que descreve a obsessão pela aparência da pele, especialmente pela busca de uma “pele perfeita”, sem poros, manchas ou sinais de envelhecimento. Embora ainda não seja reconhecida oficialmente como diagnóstico clínico nos manuais psiquiátricos, especialistas apontam que o comportamento associado à dermorexia se aproxima de transtornos como a *dismorfia corporal*, caracterizada pela fixação em imperfeições percebidas que muitas vezes não são notadas por outras pessoas.

O dermatologista Bones Jr. explica que “vem acompanhada de uso exagerado de produtos e busca incessante pela ‘pele perfeita’, resultando em insatisfação crônica”. O distúrbio é amplificado pela influência das redes sociais, que propagam padrões irreais. Há ainda um conceito relacionado: *cosmeticorexia*, que descreve a obsessão por usar inúmeros cosméticos e procedimentos para corrigir imperfeições percebidas, mesmo quando a preocupação ultrapassa o autocuidado saudável. A pressão para ter uma pele “de vidro” ou “perfeita” é reforçada por influenciadores e pela indústria da beleza. A dermatologista Loretta Ciraldo comenta que a exposição a imagens irrealistas na internet pode “criar expectativas impossíveis” e levar a uma “ansiedade de pele” (CIRALDO, 2019).

Além disso, a dermorexia afeta a autoestima e pode comprometer a saúde dermatológica, já que o uso indiscriminado de produtos pode causar irritações, alergias e até agravar problemas como acne ou rosácea. A obsessão também pode levar ao isolamento social, à frustração constante e ao sofrimento psíquico, especialmente entre adolescentes e jovens adultos, mais vulneráveis à influência digital.

A problematização da dermorexia envolve refletir sobre os limites entre autocuidado e obsessão. Em uma sociedade que valoriza excessivamente a juventude e a aparência, é necessário desenvolver *senso crítico* sobre os padrões de beleza e promover uma estética mais inclusiva e realista. Especialistas alertam para a importância da educação *estética*, que valorize a diversidade cutânea e incentive práticas saudáveis de cuidado com a pele.

2.5 Eurocentrismo

A construção dos padrões de beleza não é neutra, mas reflete relações de poder, dominação cultural e exclusão. A indústria da beleza, impulsionada pela mídia, promove constantemente a ideia de uma pele “perfeita”, alimentando a insatisfação com a própria imagem e

movimentando bilhões. No Brasil, segundo a ABIHPEC, o setor faturou cerca de R\$168,07 bilhões em 2021, enquanto dados da ISAPS apontam mais de 1,3 milhão de procedimentos estéticos realizados no país.

Esse cenário é reforçado por um forte poder midiático, que dificulta uma visão crítica sobre padrões estéticos. Muitas pessoas, especialmente mulheres, acabam buscando procedimentos inclusive em locais clandestinos em tentativa de alcançar um ideal imposto. Como afirma Wolf (2022), a ideologia da beleza limita a autonomia feminina ao induzir padrões inatingíveis.

Historicamente, esse ideal está associado ao eurocentrismo, que consolidou a valorização de características brancas como referência universal de beleza. Esse processo, intensificado pelo colonialismo, resultou na exclusão de traços, cores e identidades não europeias. Ainda hoje, produtos e procedimentos estéticos reforçam esse padrão ao promoverem o clareamento da pele, o alisamento dos cabelos e a modificação de características naturais.

Nas redes sociais, filtros e edições de imagem continuam reproduzindo esses ideais, afinando traços, clareando a pele e padronizando a aparência. Embora pareçam inofensivos, esses recursos contribuem para a distorção da autoimagem e para a homogeneização estética, especialmente entre jovens.

A desigualdade também se evidencia na representação midiática. Segundo estudo do GEMAA (UERJ), pessoas brancas correspondem a 78% das figuras na publicidade brasileira, apesar de mais de 55% da população ser composta por pessoas pretas e pardas (IBGE). Mulheres negras, em especial, são as menos representadas, com apenas 4% das aparições ao longo de 30 anos analisados.

Dessa forma, o eurocentrismo permanece atuando como um padrão dominante, sustentando desigualdades e influenciando percepções de beleza, identidade e pertencimento.

2.6 Racismo

Em uma sociedade que valoriza excessivamente a aparência, certas características físicas são privilegiadas em detrimento de outras. Nesse contexto, as mulheres especialmente as mulheres negras são as mais pressionadas a atender padrões estéticos muitas vezes inalcançáveis e distantes de suas realidades.

O racismo, fundamentado na falsa ideia de hierarquia entre raças, sustenta a desvalorização de traços negros e a valorização de características eurocêntricas (MUNANGA, 2004). Esse processo, herdado do colonialismo, contribui para a naturalização de padrões que excluem e inferiorizam identidades não brancas.

Nas redes sociais, essa lógica se manifesta por meio de filtros e edições que afinam traços, clareiam a pele e alteram características naturais, reforçando o ideal branco como padrão de beleza. Esses recursos impactam diretamente a autoestima, especialmente de jovens em formação identitária, gerando sentimentos de inadequação e não pertencimento.

A falta de representatividade nos meios de comunicação também contribui para esse cenário, dificultando a construção de uma identidade positiva para pessoas negras. Além disso, experiências cotidianas de discriminação reforçam desigualdades e podem gerar desgaste emocional.

Como exemplifica a cantora Ludmilla, ao relatar que sentiu necessidade de modificar sua aparência, evidencia-se como o racismo estrutural e a pressão estética podem levar à negação de traços naturais.

Apesar disso, há movimentos de resistência que buscam valorizar a estética negra e promover representatividade. Artistas como MC Luanna, Ajulia Costa, Tasha & Tracie, BK e Rincon Sapiência utilizam a arte como forma de afirmação, valorizando corpos, traços e vivências negras.

Dessa forma, a estética torna-se também um espaço de resistência, onde a valorização da diversidade contribui para a construção da autoestima e da identidade negra.

2.7 Desconstrução: Tendências, Representatividade e impacto social.

A desconstrução dos padrões de beleza é um movimento crescente, impulsionado por debates sobre inclusão, diversidade e saúde mental. Profissionais da estética têm adotado uma abordagem mais humanizada, priorizando o bem-estar e a saúde da pele em vez da busca por perfeição. Esteticistas e dermatologistas vêm educando seus clientes sobre a valorização das características individuais, promovendo o autocuidado e a aceitação.

Movimentos como o *Skin Positivity* surgiram como resposta à pressão estética, celebrando peles reais com acne, manchas, poros e linhas e incentivando a autenticidade. Campanhas

como #InYourOwnSkin, da marca Missguided, reforça essa tendência ao incluir modelos com sardas, cicatrizes e outras marcas naturais.

A representatividade na mídia e na publicidade tem papel fundamental nesse processo. Ver pessoas com diferentes tons de pele, tipos de cabelo, corpos e condições dermatológicas sendo retratadas positivamente contribui para a autoestima e é válida a diversidade. Como destaca Brené Brown (2017), a representatividade ajuda as pessoas a se sentirem “vistas e pertencentes”, promovendo aceitação e reduzindo a pressão por padrões irreais.

Desde 2018, o discurso do *Skin Positivity* tem ganhado força global, especialmente nas redes sociais, com a valorização da pele natural e a rejeição de filtros e retoques excessivos. No Brasil, iniciativas como a campanha “Pele Livre”, de Keren Paiva, mostram que essa tendência já influencia práticas estéticas e o comportamento dos consumidores.

A dermocosmetóloga Aline Weber (2023) resume essa mudança ao afirmar que “o novo luxo na beleza não é ter uma pele perfeita, mas sim uma pele saudável e um bom relacionamento com ela”. A desconstrução dos padrões não elimina a estética, mas a torna mais acessível, inclusiva e alinhada com a realidade das pessoas.

2.8 O papel da esteticista na desconstrução do padrão de pele perfeita

A esteticista atua na linha de frente entre os desejos de beleza e a realidade da pele de cada cliente. Diferente do que muitas vezes é propagado pela mídia, o profissional pode transformar o atendimento em um espaço de educação, acolhimento e saúde, e não de reforço a padrões inalcançáveis.

Segundo Boyd (2021), “cuidar é melhor que camuflar”, o que significa que a estética deve ir além da correção de imperfeições, valorizando a saúde cutânea como prioridade. Nesse sentido, a esteticista assume um papel de educadora estética, ajudando clientes a compreender que acne, manchas, Melasma e rugas fazem parte da diversidade natural da pele.

Além disso, a esteticista pode desmistificar os padrões ao: Adotar uma visão humanizada do atendimento, ouvir o cliente, entender suas inseguranças e promover um olhar realista sobre os resultados possíveis. Substituir a promessa de "pele perfeita" pelo objetivo de "pele saudável". Educar sobre os limites biológicos da pele Explicar que não existem peles sem poros, linhas ou textura.

Combater a influência de filtros digitais e propagandas enganosas. Valorizar a singularidade: Mostrar que cada pele tem sua história (cicatrizes, manchas, envelhecimento) e isso não significa ausência de beleza. Trabalhar a autoestima e o autocuidado como partes integradas da estética. Praticar estética responsável: Orientar contra excessos de procedimentos e uso inadequado de cosméticos. Incentivar rotinas de cuidados sustentáveis, respeitando o estilo de vida de cada cliente. Participar de movimentos de inclusão: Apoiar campanhas de skin positivity e trazer para a prática estética um discurso de valorização das peles reais. Produzir conteúdo educativos em redes sociais, reforçando representatividade.

Portanto, a esteticista é uma agente de transformação social dentro da estética: ajuda a ressignificar o conceito de pele bonita, promove o autocuidado sem obsessão e contribui para uma relação mais saudável das pessoas com sua própria imagem. Como reforça Wolf (1992), a beleza não deve ser encarada como imposição, mas como construção pessoal. O profissional esteta, nesse sentido, atua como facilitador dessa construção, desmistificando padrões e promovendo representatividade, diversidade e autoestima.

3. Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa e exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e práticas de profissionais da estética diante dos padrões de beleza contemporâneos, especialmente no que se refere à idealização da “pele perfeita”. A pesquisa buscará investigar como esses padrões são reforçados pelas mídias sociais e como podem ser desconstruídos no contexto dos atendimentos estéticos.

A primeira etapa consistirá na análise de postagens em mídias sociais, especificamente no Instagram e TikTok, com foco em influenciadores digitais e marcas de cosméticos. A seleção das postagens será orientada por critérios como alcance, nível de engajamento, e conteúdo visual e textual. Para sistematizar essa análise, será utilizada uma tabela de ponderação que avaliará elementos estéticos presentes nas imagens e vídeos, como a ausência de poros, uso de filtros, uniformidade de tom da pele e outros aspectos que reforçam o ideal de perfeição.

Paralelamente, será realizada uma revisão bibliográfica em bases acadêmicas como SciELO, PubMed, Google Acadêmico, além da leitura de livros de autores que abordam criticamente os conceitos de beleza, estética, identidade e exclusão social. Serão excluídos artigos muito antigos ou publicados em idiomas que dificultem a análise, priorizando materiais recentes e

em português. A análise dos textos será feita por meio de uma leitura minuciosa e crítica, com o objetivo de buscar respostas à pergunta norteadora da pesquisa, além de fundamentar teoricamente as discussões apresentadas ao longo do trabalho.

Foram analisados 120 vídeos na plataforma TikTok, distribuídos entre as hashtags #CleanGirl (40 vídeos), #ThatGirl (40 vídeos), #PerfectFace (30 vídeos) e #BeautyFilter (10 vídeos). O peso de influência, variando de 1 a 5, foi determinado por meio de média ponderada baseada na frequência e intensidade com que os conteúdos reforçam o padrão estético caucasiano. Nesse processo, atribuiu-se maior peso (5) às tendências que apresentaram forte distorção facial e predominância de branquitude, enquanto conteúdos que valorizavam diversidade e uma estética mais realista receberam pesos menores, entre 1 e 2.

Tabela de ponderação dos critérios de análise

Peso (1 a 5)	Característica analisada	Descrição da ponderação
1	Alta diversidade e estética realista	Conteúdos com ampla representatividade racial, sem uso de filtros e com valorização da textura real da pele.
2	Diversidade moderada	Presença de alguma diversidade estética, com baixo uso de filtros e pouca padronização facial.
3	Equilíbrio entre real e idealizado	Conteúdos que mesclam estética natural com leve uso de filtros e padronizações.
4	Baixa diversidade e uso frequente de filtros	Predominância de padrões estéticos eurocêtricos, com uso recorrente de filtros de suavização e simetria.
5	Forte distorção e padrão eurocêntrico	Conteúdos altamente editados, com distorção facial, clareamento de pele e reforço intenso da branquitude como padrão.

O peso de influência (1 a 5) foi calculado a partir da média ponderada dos critérios analisados, considerando a frequência e intensidade com que os conteúdos reforçam o padrão estético caucasiano.

Resultados e Discussão

A análise de 120 vídeos da plataforma TikTok, relacionados às tendências #CleanGirl, #ThatGirl, #PerfectFace e #BeautyFilter, evidenciou a predominância de padrões estéticos homogêneos, marcados por características eurocêntricas.

Tabela 1-Ponderação das tendências e filtros do TikTok relacionados ao padrão caucasiano de beleza.

Tendência / Filtro	Descrição	Elementos de valorização estética	Traços eurocêntricos reforçados	Impactos observados	Peso de influência (1 a 5)
Clean Girl	Estética minimalista, pele “limpa”, maquiagem leve e aparência natural	Suavização de textura da pele, iluminação difusa, uniformização do tom	Pele clara e sem manchas, traços finos, cabelos lisos e penteados baixos	Reforça a ideia de que “beleza natural” é associada à branquitude e ao padrão europeu	4
That Girl	Lifestyle e estética de “vida perfeita”: autocuidado, corpo magro e pele saudável	Filtros com luz quente e filtros de bem-estar	Corpo magro, pele clara, aparência “fresca” e simétrica	Cria comparação constante e pressiona jovens a buscarem uma “vida estética” idealizada	3
AI Perfect Face	Filtro com IA que “corrige” o rosto e cria feições simétricas e eurocentradas	Simetria facial, afilamento do nariz, clareamento da pele	Rostos padronizados, apagando diversidade étnica e racial	Gera distorção da autoimagem e incentiva cirurgias estéticas e harmonização facial	5

#CleanGirl #ThatGirl #PerfectFace #BeautyFilter	Hashtags mais usadas para difundir esses filtros e tendências	Alta visibilidade e engajamento algorítmico no TikTok	Maior exposição de rostos brancos e traços caucasianos	Invisibiliza corpos e rostos negros e indígenas	4
--	---	---	--	---	---

Tabela 2 – Critérios e metodologia para atribuição do peso de influência nas tendências e filtros do TikTok

Critério de Análise	Descrição da Avaliação	Quantidade de vídeos observados	Indicadores analisados	Peso final atribuído (1 a 5)	Justificativa
Engajamento	Número médio de visualizações, curtidas e comentários das hashtags #CleanGirl, #ThatGirl, #PerfectFace, #BeautyFilter.	120 vídeos (40 por tendência)	Visualizações médias acima de 500 mil = 5 pontos	5	Alta viralização e replicação do padrão facial caucasiano.
Uso de filtros	Presença de filtros que modificam textura da pele, cor e simetria facial.	120 vídeos	Filtros ativos em mais de 80% dos vídeos = 4 pontos	4	Reforço visual direto de traços eurocêtricos.
Representatividade racial	Diversidade étnica e de tons de pele representados nos vídeos.	120 vídeos	Presença de pessoas brancas > 70% = 5 pontos	5	Baixa inclusão racial; predominância da branquitude digital.
Impacto estético e comportamental	Evidências de reprodução de padrões (comentários, desafios e tutoriais que citam o padrão facial).	120 vídeos	Repetição de padrões estéticos = 4 pontos	4	Cria comportamento imitativo e reforço de ideal de beleza eurocentrado.
Discurso e hashtags associadas	Linguagem textual e verbal usada nos vídeos e legendas.	120 vídeos	Uso de expressões como “perfeita”, “sem poros”, “pele de vidro” = 3 pontos	3	Reforça o conceito de “pele perfeita” como sinônimo de sucesso.

Os dados apontaram alta viralização dos conteúdos (peso 5), indicando forte capacidade de influência e normalização de padrões irreais. Mais de 80% dos vídeos apresentaram uso de filtros que alteram significativamente a aparência, como suavização da pele, clareamento do

tom cutâneo e modificação da simetria facial, evidenciando o papel das tecnologias digitais na construção de uma estética padronizada.

A representatividade racial mostrou predominância superior a 70% de pessoas brancas, reforçando a branquitude como referência estética dominante. Além disso, observou-se incentivo à reprodução desses padrões por meio de tutoriais, desafios e interações, enquanto discursos e hashtags como “pele perfeita” e “sem poros” reforçam simbolicamente ideais inalcançáveis.

De modo geral, os resultados indicam que essas tendências intensificam a comparação social e impactam negativamente a autoimagem e a autoestima, especialmente entre jovens. Assim, a busca pela “pele perfeita” ultrapassa o campo estético, assumindo dimensões sociais e psicológicas.

Nesse contexto, a esteticista se destaca como agente de transformação, ao promover uma abordagem ética, inclusiva e humanizada, voltada à valorização da individualidade e da saúde da pele.

Conclusão

Conclui-se que a desconstrução desses padrões ultrapassa a esfera individual, exigindo uma revisão crítica das estruturas sociais, midiáticas e mercadológicas que os produzem e legitimam. Nesse sentido, não se trata apenas de ampliar a noção de beleza, mas de questionar os interesses que sustentam sua padronização, frequentemente vinculados à lógica de consumo e à manutenção de desigualdades. Torna-se, portanto, imprescindível promover uma abordagem estética que valorize a diversidade e a autenticidade, não como tendência, mas como posicionamento ético frente a práticas historicamente excludentes.

Referências

ALCHORNE, Mauricio Mota de Avelar; **ABREU**, Marilda Aparecida Milanez Morgado de. Dermatologia na pele negra. Anais Brasileiros de Dermatologia, Rio de Janeiro, v. 83, n. 1, 2008.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/abd/a/N7XSYHgsYNptLnxw5XLtb3m/?lang=pt>.

ALVES, Ana Carolina. Representatividade estética e autoestima. São Paulo: Senac, 2020.

ANZIEU, **Didier**. O Eu-Pele. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

APPADURAI, A. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOLOGNIA, J.; SCHIFFER, C.; CALLEN, J. *Dermatology*. 4. ed. Philadelphia: Elsevier, 2018.

BONES JÚNIOR, Carlos. Dermorexia: a busca obsessiva pela pele perfeita. Porto Velho: Tudo

BOYD, Roberta. Cuidar é melhor que camuflar, afirma coordenadora do curso de Estética do IBMR.O Globo, Rio de Janeiro, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/skin-positivity-mulheres-aderem-movimento-que-promove-acao-da-pele-com-suas-imperfeicoes-24607468>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Câncer de pele: prevenção, diagnóstico e tratamento*. Brasília, 2022.

CIRALDO, L. (2019). *Aging Gracefully: A Dermatologist's Guide to Looking Your Best at Any Age*. Hachette Book Group.

CAPRICHIO. Marca inglesa cria campanha que celebra skin positivity com brasileira. Capricho, São Paulo, 18 jun. 2018. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/marcainglesa-cria-campanha-que-celebra-skin-positivity-com-brasileira>.

DIDEROT, D. (1966). *D'Alembert's Dream*. Penguin Books.

ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILCHREST, B. A. Skin aging and photoaging. *Journal of Dermatological Science*, v. 69, n. 2, p. 85–90, 2013.

GUYTON, A.; **HALL, J.** *Tratado de Fisiologia Médica*. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 1995.

JENKINS, F. C. (2017). *The Body and the Beautiful: Body Modification in an Age of Plastic Surgery*. Routledge.

JUNQUEIRA, L. C.; **CARNEIRO, J.** *Histologia Básica*. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

JONES, Meredith. *Skintight: an anatomy of cosmetic surgery*. Oxford: Berg, 2018.

KONRAD, Julia. Entrevista ao O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>.

KOTLER, Philip; **KARTAJAYA**, Hermawan; **SETIAWAN**, Iwan. *Marketing 4.0: do tradicional ao digital*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

KOTLER, Philip; **KARTAJAYA**, Hermawan; **SETIAWAN**, Iwan. *Marketing 5.0: tecnologia para a humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. 5. ed. São Paulo: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2000.

IN MAGAZINE. Skin positivity: o movimento que incentiva a aceitação da pele natural. In Magazine, São Paulo, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://inmagazine.ig.com.br/beleza/categoria-beleza-skin-positivity-o-movimento-que-incentiva-a-aceitacao-da-pele-natural>.

MICROSOFT. *Microsoft Copilot*. Ferramenta de inteligência artificial generativa utilizada como apoio à redação acadêmica. Disponível em: <https://www.microsoft.com/copilot>. Acesso em: abr. 2026.

MCCRINDLE, Mark; **WOLFINGER**, Emily. *Generations: Understanding Gen X, Gen Y and Gen Z*. Sydney: McCrindle Research, 2014.

MCCRINDLE, Mark. *The ABC of XYZ: understanding the global generations*. Sydney: McCrindle Research, 2014.

MCROBBIE, Angela. *Feminism and the politics of resilience in the digital age*. London: Routledge, 2020.

O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/skin-positivity-mulheres-aderem-movimento-que-promove-aceitacao-da-pele-com-suas-imperfeicoes-24607468>.

PORTAL TELA. Dermorexia: o perigo da obsessão pela pele perfeita e suas consequências psicológicas. Portal Tela, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://www.portaltela.com/saude/bem-estar/2025/02/14/dermorexia-o-perigo-da-obsessao-pela-pele-perfeita-e-suas-consequencias-psicologicas>.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants*. On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1–6, 2001.

SOUZA, R.; CARVALHO, L. Dermorexia e cultura da comparação nas redes sociais. *Revista de Psicologia e Saúde*, v. 13, n. 2, p. 75-82, 2021.

SONTAG, Susan. *A imaginação da beleza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Jéssica. *Estética e identidade contemporânea*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOUZA, M.; MESQUITA, K. Melanina e distúrbios da pigmentação. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 91, n. 3, p. 14–22, 2016.

TAPSCOTT, Don. *Grown Up Digital: How the Net Generation is Changing Your World*. New York: McGraw-Hill, 2009.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

TIGGEMANN, M.; ZACCARDO, M. “Exercise to be fit, not skinny”: The effect of fitspiration imagery on women's body image. *Body Image*, v. 15, p. 61–67, 2015.

TORTORA, G. J.; DERRICKSON, B. *Princípios de Anatomia e Fisiologia*. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

TWENGE, Jean M. *iGen: por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes — e completamente despreparadas para a vida adulta*. São Paulo: nVersos, 2018.

WEBER, A. (2023). A Estética do Século XXI. Palestra proferida no Congresso Brasileiro de Estética.

WOLF, N. (1991). O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres. Rocco.